

OS DEUSES PERTENCEM AO CAMPO DO REAL

Jacques Laberge¹

"Do real? É uma piada. Ele ia dizer do simbólico!" comentam os participantes do Seminário sobre a transferência. "Não é uma piada" retruca Lacan, "os deuses são do real". "Não sou eu quem inventou isso. Eles são manifestadamente, para Sócrates, somente algo real" (VIII, 57-59, 103). Podemos pensar no real da desordem das forças ditas naturais e incontroláveis, mas sem negligenciarmos o real da voz do deus íntimo em Sócrates. A questão de Deus e dos deuses em alguns Seminários de Lacan servirá de tema do presente trabalho.

Ao real pertenceriam os deuses antigos, mas não Deus. Afirmação por demais simples, pois os Seminários II sobre o eu e III sobre as psicoses se referem ao real de Deus. Na maioria das culturas, bem representadas por Aristóteles, o real é aquilo que, como a estrela, volta sempre ao mesmo lugar, e "Deus é a esfera a mais imutável do céu" (II, 278; III,78,235). Na tradição judaico-cristã, porém, o real se vê mais representado pela natureza enquanto não engana. "Essencial à constituição do mundo da ciência", é que "o real (...) não pode brincar de vilão conosco"; não há "no fundo da natureza um demônio enganador", "a matéria não trapaceia" afirma Lacan que conclui, após dizer que "o Outro é essencialmente aquele que é capaz, como o sujeito, de convencer e de mentir": "o correlato dialético da estrutura fundamental que faz da fala de sujeito a sujeito uma fala que pode enganar, é que haja também algo que não engana". "Deus enquanto não enganador" serve de argumento constante e decisivo para Descartes, por exemplo, em suas Meditações e o próprio Einstein seguiu esta trilha (II,263;III,76-77). Não esqueçamos também que, no Seminário III, o paranoico ilustra que a falta de simbolização do Nome-do-Pai permite frequentemente o surgimento nele de Deus como real, de quem, Schreber, no caso, seria "A Mulher". Nem podemos menosprezar o paralelo entre o real definido em Encore como "o mistério do corpo

¹ Psicanalista, membro de Intersecção Psicanalítica do Brasil/PE. E-Mail: jacqueslaberge1@gmail.com.

falante", "o mistério do inconsciente" (XX,118) e Deus sempre abordado via mistério (ver o Deus cristão e o mistério da Trindade, o mistério da Encarnação, etc..).

Algumas alusões

Se Lacan qualifica o texto dos místicos São João da Cruz, Santa Teresa d'Ávila e Angelus Silesius "o que se pode ler de melhor", e chega a compará-los aos "Escritos de Jacques Lacan" (XX,70-71); se ele se revela reticente frente ao "mito da morte de Deus", pois pode ser "talvez o abrigo encontrado contra a ameaça de castração" (XI,29); se ele acha simplista chamar a religião de impostura, pois ela é respeitada universalmente, "mesmo onde a luta pode ser levada contra ela", e aliás "a impostura paira sobre a vida íntima de cada analista" (XI,238-239); se ele reconhece no mistério da Trindade que faz do cristianismo a "verdadeira" religião (XXI,18-12-63,7) "a articulação radical do parentesco como tal, naquilo que tem de mais irredutivelmente, misteriosamente, simbólico" (VIII,67), não havendo justo acesso a um desejo normal sem "uma certa tríade subjetiva" (VI,3-6-59,7); ele não deixa de se encontrar com Freud no questionamento radical à religião, embora tente explicitar o que escapa ao próprio Freud: seja a lógica de seu discurso, tirando dali novas consequências.

Podemos, como mera alusão, citar alguns destes questionamentos:

- prejudgando que a contagem um-dois-três preexiste a Deus, ou é seu ser ou sua unidade que sofre (XX, 98);

- Cristo, "que se designou a si-próprio como filho de Deus" (XX, 97), com sua "ideia louca de redentor" ("o sadismo é para o pai, o masoquismo é para o filho") (XXIII,10-2-76,9), encontra sua infelicidade, não "da ideia de salvar os homens", mas de "salvar a Deus" (XX,97);

- os textos evangélicos não são boa nova, e ali "não há um único fato que não possa ser contestado". Por estarem na dimensão do dito, "não deixam de ir ao núcleo da verdade", mas no nível do verdadeiro "é o que se pode dizer de pior" (XX,97-98);

- Lacan pede "desculpa aos artistas" que Freud associa à religião na neurose obsessiva: "não valem mais que a religião. Não é pouco dizer. A imbecilidade é nossa essência da qual vossa demanda faz parte (...) esta que vos reúne aqui, é como ter uma chance de sair da imbecilidade" (XXI,11-12-73,2);

- esconder-se "em nome de não sei que medo como se, alguma vez, Deus tivesse efetivamente manifestado uma presença qualquer" (XX, 45) .

Estas alusões se assemelham às posições de Freud denunciando a ilusão da religião, "saudade" de um "pai exaltado" (GW XIV, 344). Lacan, porém, segue uma via própria para abordar a questão de Deus, recorrendo a uma dupla referência, em si paradoxal, ao Um e ao Outro, isto é ao Imaginário e ao Simbólico.

Deus, amor do Um

"Exclusivamente sexuais na neurose (...), os componentes dos movimentos pulsionais (...) são sobretudo egoístas e nocivos na religião" (GW VII,137). Esta posição de Freud em 1907, a respeito da prática religiosa como neurose obsessiva, deve ser aproximada de uma outra de 1915 sobre o destino das pulsões: "O caso do amor e ódio resiste a se incorporar à nossa representação das pulsões" (GW X,225), isto é enquanto ligado não às pulsões sexuais, mas ao eu e à primazia do imaginário. Porém, o especular do narcisismo é anunciado pelo pré-especular, chamemos ele ou não, como Lacan o fez, de autoerotismo, "cujas relações internas tanto quanto a entropia escapam", e lugar das relações psicossomáticas, seja algo do "nível do real" (II,119-121). Por ali, poderia se entender a associação do Seminário IX, *A Identificação*: "amor força natural"- ponto de vista "zoologizante de Freud" - "os deuses são do real"- "o amor é Afrodite que bate"- "é a fonte de todos os males", terminando no "O amor de mãe é a causa de tudo" (IX,21-2-62,19-20). O amor como real remete ao pré-especular, enquanto impossível de ser penetrado, mas também ao imaginário narcísico no aspecto da impossibilidade de incorporação à representação das pulsões.

Cabe ao Seminário Encore abordar a questão do amor como Um. Nesta "variante do discurso do mestre", que é o discurso filosófico, o amor "visa o ser" (XX,40). Sobre o "gozo do ser" de Aristóteles, Santo Tomás comenta que tudo o que "é para o bem de nosso ser" será gozo de Deus: "amando a Deus é a nós-mesmos que amamos" (XX,66). Poderíamos dizer então que cada sujeito se amaria a si-mesmo na figura idealizada da perfeição e do poder, Deus. Ser é associado a "acreditar ser um", e o amor parte do "somos somente um", pois pertence ao narcisismo, diz Freud. Suplência da relação sexual (XX, 44), endereçado ao semblante (XX, 46), o amor "ignora que é somente o desejo de ser Um", e impossibilita a relação a dois (XX, 12). É verdade que, no plano do

gozo, que não é do amor, trata-se do gozo fálico, do "gozo do órgão" que "não se refere ao Outro como tal" (XX, 13-14). Se amar a Deus é amar a si-mesmo, amar o outro também, conforme o comentário do Seminário XXI, *Les non dupes errent*. O "Amarás a teu próximo como a ti-mesmo" "funda a abolição da diferença dos sexos" e "quando atribuímos ao Simbólico o papel de meio" entre o real da morte e o imaginário do corpo, situamo-nos no amor divino que faz com que, negado como lugar do desejo, "o corpo se torne morte" e "a morte se torne corpo". E Lacan se refere à "perversão do Outro como tal" "no mito pré-cristão" da "história sádica do pecado original", quando o amor divino expulsou o desejo, instaurando esta insensibilização "chamada arianismo, mesmo narcisismo" (XXI, 18-12-73,2-3,7).

Há uma combinação aqui entre o UM do amor como narcisismo excluindo o desejo e a posição UM do mestre, o significante Um do mestre, dono do corpo do filho e expulsando o desejo, em nome do amor devido pelo filho ao pai, aqui o pai eterno, Deus. Lembremo-nos que, em Freud, a identificação primária se faz, não com a mãe, mas com o pai, identificação de puro amor a um pai digno de ser amado, isto é o mestre. "Freud fará deste amor o princípio do Supereu", comenta Philippe Julien em seu artigo *L'amour du pere chez Freud* (Littoral 11-12, p.161). O Seminário *Le Sinthome* afirma que "é na medida em que os filhos são privados das mulheres que amam o pai" (XXIII, 11-5-76).

Na experiência da análise, o amor ao mestre, ao sujeito suposto saber, ao qual, na histerização de seu discurso, o analisante se identifica, pode ser chamado religião. Esta se desfaz somente pelo desmonte da neurose de transferência, pelo abrandamento da resistência frente à brecha do desejo. Aprendemos que a resistência provém, sobretudo do analista, de sua ânsia narcísica de curar. Ora, o narcisismo se interessa pelo um, pelo amor, pela unidade representada pela posição de mestre. A resistência, embora superada na análise, se vê eminentemente representada pela instituição, quando se torna difícil escapar das miragens da identificação de Lacan ao mestre suposto saber, inibindo nossa produção ou fazendo dela uma mera homenagem a ele. Fugir do texto religioso, e nem o presente texto o consegue, exige des-supor o saber. E, em nossos grupos, revela-se difícil escapar à religião lacaniana com seu catecismo decorado, quando o culto aos pequenos mestres se reduziria ao ridículo se não tivesse como consequência trágica o apagamento dos sujeitos. A religião sempre promoveu o culto à unidade operada pela alma como forma do corpo, unidade que Descartes e a medicina

vem fragmentar, abrindo o caminho a Freud (II, 93). Resistir consiste em resistir ao reconhecimento da divisão do sujeito, à passagem do amor do um ao objeto fragmentado causa do desejo.

Se o Um carrega todas estas viscosidades imaginárias é que nosso eu visa fazer Um, e, ao mesmo tempo, fazer do Um um ser. Mas a partir do momento em que o Seminário VIII, A Identificação introduz a noção do traço unário, a matematização, na obra lacaniana, começa a se destacar. Sua importância decorre da tarefa de impedir a transformação em ser, em substância, não somente do Um, mas também do sujeito e do Outro. Assim, Deus é Um enquanto elemento de cálculo, de contagem, não enquanto ser. "Somente a matematização atinge a um real", afirma o Seminário *Encore*, pois faz do Um "algo que se conta sem ser" (XX, 118). Mas também, podemos pensar que a exaltação do narcisismo não transforma o Um narcísico em ser, em Deus.

Deus, o Outro na linguagem, na nomeação

Definido "não como ser mas como lugar da fala" (VI, 11-2-59,9), o Outro acaba sendo colocado numa forma de subsistência: "é impossível dizer algo sem logo o fazer subsistir sob a forma do Outro". É a partir desta frase de *Encore* que daria para entender esta outra: "enquanto se disser algo, a hipótese Deus estará aí" (XX, 44-45). Paradoxalmente, a fala desfaz consistências e a revelação cristã, com seu Logos, seu Verbo, "nível da articulação significante", vai mais longe que a filosofia na eliminação dos deuses do real, dos deuses antigos, "na via do politeísmo ao ateísmo" (VIII, 57-59), sendo, diz Lacan, os teólogos os "verdadeiros ateus" pois "de Deus falam" (XX, 45). Feito Verbo, Deus perderia sua consistência de ser. Quanto mais falam de Deus, quanto mais os teólogos revelariam Deus, não como subsistente, mas como função na linguagem. No caso, os teólogos seriam os profissionais que colocam Deus como referência dentro da linguagem.

Lacan diferencia o pequeno a do grande A, isto é "o imaginário que se suporta do reflexo do semelhante ao semelhante", do "simbólico, suporte do que foi feito Deus" (XX, 77). Em outros momentos, ele fala de Deus como imaginário, como sujeito suposto saber. O Seminário *Le Sinthome* comenta a hipótese do inconsciente segundo Freud como "algo que não pode se sustentar senão supondo o Nome-do-Pai. Supor o Nome-do-Pai, é claro que é Deus. É nisto que a psicanálise tendo êxito prova que o

Nome-do-Pai, se pode dispensá-lo (...) com a condição de usá-lo" (XXIII, 13-4-76,7,9). Esta referência à nomeação nos situa no nível da fala. Cabe à fala do grande Outro materno o reconhecimento, para um filho, de seu pai. Os textos lacanianos insistem na nomeação do pai, na sua função dentro da linguagem, dentro da fala materna.

Deus, o Outro, a Mulher

O que há em Lacan de absolutamente novo em relação a Freud é colocar Deus no lugar da mulher, na fórmula do S(A) definida como "Não há Outro do Outro". Esta elaboração porém parte de Freud enunciando que "não há libido a não ser masculina". Sabemos que o Outro, como questão em Freud "expressamente deixada de lado", se formula nos termos "O que quer a mulher?", ela sendo, para Lacan, "equivalente à verdade", não-toda (XX, 75,115). Precisa-se também do Totem e Tabu freudiano para o Seminário Encore concluir que o homem forma um todo, mas não a mulher, ela sendo tomada uma a uma. E como a função fálica não a absorve toda, ela pode ter um gozo Outro. "De ser na relação sexual, em referência àquilo que pode se dizer do inconsciente, radicalmente o Outro, a mulher é que tem relação com este Outro". "Não há Outro do Outro" (XX, 75). "É no lugar, opaco, do gozo do Outro, deste Outro enquanto poderia sê-lo, se ela existisse, a mulher, que é situado o Ser supremo (...) É enquanto seu gozo é radicalmente Outro que a mulher tem mais relação a Deus". Assim fala Lacan: "Se deste S(A) não designo nada outro do que o gozo da mulher, é seguramente porque indico que Deus ainda não fez sua saída" (XX, 78). Há um buraco, "o Outro enquanto o lugar onde a fala, de ser colocada, fundamenta a verdade, e com ela o pacto que supre à inexistência da relação sexual" (XX,103). "O Outro é o Um-amenos" (XX,116), expressão que coloca a mulher, não como como lugar da totalidade, do Um, porém do objeto fragmentado causa do desejo do homem.

Lacan volta sempre a este comentário do S(A): "não há Outro do Outro para operar o último juízo" (XXIII, 13-1-76,1). "No lugar do Outro do Outro, não há nenhuma ordem de existência (XXIII, 13-4-76,7). "Não há Outro que responderia como parceiro, toda necessidade do gênero humano sendo que haja um Outro do Outro. É este que se chama geralmente Deus, mas a análise desvela que é simplesmente "A mulher" (...) eu disse que A mulher não existia "(XXIII, 16-3-76,11). Para Freud, estava resolvida a questão de Deus, reduzido ao pai exaltado. Sua grande questão, aliás deixada

de lado, é a mulher, que Lacan retoma mostrando como a mulher representa o Outro por escapar parcialmente à função fálica, e por ter um gozo Outro. O todo estando do lado do homem, a mulher como Outro fica com a parte. Referida não como toda, não como A mulher, ela é sempre uma mulher, sendo abordada uma a uma, e, por outro lado, ela é tomada em parte, em pedaços, enquanto lugar do objeto que causa o desejo do homem. Frente ao Um, ao todo, ela não deixa de representar o questionamento.

A questão do sentido

"Não tem sentido", "exclui o sentido", eis como o Seminário *Le Sinthome* de 1976 qualifica o real (XXIII, 13-1-76,3). E no dia 18 de março de 1980, pouco depois da carta de dissolução da École Freudienne de Paris, Lacan dizia: "a religião é o lugar do sentido", "tento ir contra para que a psicanálise não seja uma religião, pois ela tende a isso irresistivelmente logo que se imagina que a interpretação vem do sentido. Ensino que sua mola está em outro lugar, nomeadamente no significante". Efetivamente, a experiência da análise consistiria, não em encontrar um sentido último dos conflitos psíquicos, mas pelo contrário, em esgotar o sentido que, de certo modo, vem inflá-los.

Se os deuses pertencem ao campo do real enquanto ligados ao incontável da natureza ou das paixões naquilo que escaparia à elaboração simbólica, Deus como último sentido estaria propriamente, não como real excluidor do sentido, mas como imaginário. A religião ocupa o lugar do sentido porque realiza o simbólico do imaginário, isto é, parte do imaginário para realizar o simbólico, enquanto a psicanálise imagina o real do simbólico, quando o impossível do Outro, o impossível da relação sexual se vê encoberto pelo fantasma de cada sujeito frente ao objeto que causa seu desejo. Lacan indica na matemática o primeiro passo da diferença religião e psicanálise, cabendo o último à linguística (XXI, 13-11-73,5), pois a matemática permite a passagem da substantificação, do ser, para a contagem, o cálculo, e a linguística abre esta passagem para a função da lógica na linguagem.

Grande conhecedor da antiguidade grega, citado no Seminário *As Psicoses*, Festugiere comenta que a fé provem da incerteza feita de medo e esperança diante da hiância entre nossos projetos e sua realização (III, 143). Freud alude a esta hiância em O futuro de uma ilusão (GW, XIV, 330). Lacan viria reduzir esta questão, concentrada na hiância existindo entre intenções e realizações no campo da relação sexual. Frente ao

"não há relação sexual", porque não existe A mulher, não existe o Outro, o ser falante não se conforma e quer fazer existir este Outro a todo custo.

NOTAS

GW: S. Freud, Gesammelte Werke(S.Fisher Verlag, Frankfurt am Main).

J.Lacan, Le moi dans la théorie de Freud, Paris, Seuil.

_____. Les psychoses, Paris, Seuil.

_____. Le désir et son interprétation, (Séminaire inédit).

_____. Le transfert Paris, Seuil.

_____. L'Identification (Séminaire inédit).

_____. Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse, Paris, Seuil.

_____. Encore, Paris, Seuil.

_____. Les non-dupes errent, (Séminaire inédit).

_____. Le Sinthome, (Séminaire inédit).